APRESENTAÇÃO

Perspectivas decolonizadoras e pluriversalidade decolonial na prática e na pesquisa em administração: introdução à edição especial

Michelle Mielly [1]
Gazi Islam [2 3]
Ana Maria Peredo [4]
Penelope Muzanenhamo [5]
Hélio Arthur Reis Irigaray [6]
Sandiso Bazana [7]

[1] EM Lyon Business School, Lyon – França
[2] Grenoble Ecole de Management, Grenoble – França
[3] Institut de Recherche en Gestion et Économie (IREGE), Annecy – França
[4] University of Ottawa / Telfer School of Management, Ottawa – ON, Canadá
[5] University College Dublin, Dublin – Irlanda
[6] Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE) / Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
[7] Rhodes University, Grahamstown – África do Sul

Resumo

Perspectivas decoloniais e pluriversais têm aparecido com cada vez mais frequência nos estudos organizacionais, desafiando paradigmas de conhecimento ocidentais e eurocêntricos predominantes no campo da gestão. Os artigos desta edição especial oferecem uma crítica e também alternativas às perspectivas hegemônicas, colocando em primeiro plano novas possibilidades que consideram as múltiplas formas de se conhecer e organizar, particularmente aquelas originadas em comunidades menos visíveis, marginalizadas, indígenas ou minoritárias. Os estudos apresentados aqui questionam normas eurocêntricas arraigadas na teoria da gestão, privilegiando novas perspectivas que abrangem três conceitos centrais e comuns entrelaçados na questão: hibridismo, alteridade e afirmatividade. Esses temas são bastante abrangentes e refletem um compromisso em reconhecer e integrar diversas tradições epistêmicas, seguindo a noção de pluriversalidade de forma a resistir a interpretações simplistas ou monolíticas de práticas de organização humana. Tal compromisso requer a defesa de práticas editoriais mais inclusivas além das normas tradicionais para reconhecer as barreiras impostas por veículos e padrões de publicação de domínio inglês. O conjunto de artigos publicados nesta edição faz uma exploração interdisciplinar da prática e da teoria decoloniais ao mesmo tempo que demonstra um impulso específico para diversificar e pluralizar o campo dos estudos organizacionais. O envolvimento de vozes globalmente marginalizadas em todos os contextos e formas organizacionais contribui na promoção de meios reflexivos e inclusivos de desafiar práticas hegemônicas dentro da própria academia e, finalmente, encorajar acadêmicos organizacionais a adotar estruturas decoloniais capazes de criticar e renovar práticas de gestão em todo o mundo.

Palavras-chave: Perspectivas decoloniais. Pluriversalidade. Afirmatividade. Hibridismo. Alteridade. Estudos organizacionais.

Decolonizing perspectives and decolonial pluriversality in management praxis & research: introduction to the special issue

Abstract

Decolonial and pluriversal perspectives have recently proliferated in organizational studies, challenging predominant Western and Eurocentric knowledge paradigms in management. Offering both a critique of and alternatives to hegemonic perspectives, the articles in the current special issue place front-and-center new possibilities that recognize multiple ways of knowing and organizing, particularly those originating within less visible, marginalized, Indigenous, or minority communities. The studies in this special issue question entrenched Eurocentric norms in management theory by privileging new perspectives that encompass three central and common concepts interwoven across this issue: *hybridity, alterity,* and *affirmativity*. These overarching themes reflect a commitment to acknowledging and integrating diverse epistemic traditions following the notion of pluriversality to resist simplistic or monolithic interpretations of human organizing practices. This

Artigo submetido para o Call for Papers "Perspectivas decolonizadoras e pluriversalidade decolonial na prática de gestão e pesquisa" em 16 de outubro de 2024 e aceito para publicação em 22 de novembro de 2024.
[Versão traduzida]
DOI: https://doi.org/10.1590/1679-395120240172

commitment requires us to advocate for more inclusive publication practices beyond traditional norms to acknowledge the barriers posed by English-dominant publication outlets and standards. The present collection of articles offers an interdisciplinary exploration of decolonial practice and theory alongside a specific drive to diversify and pluralize organizational scholarship. By engaging with marginalized voices globally across contexts and organizational forms, we promote a reflexive and inclusive means to challenge hegemonic practices within academia itself and ultimately encourage organizational scholars to adopt decolonial frameworks that critique and renew management practices worldwide.

Keywords: Decolonial perspectives. Pluriversality. Affirmativity. Hybridity. Alterity. Organization studies.

Perspectivas descolonizadoras y pluriversalidad decolonial en la praxis y la investigación en gestión: introducción al número especial

Resumen

Las perspectivas decoloniales y pluriversales han aparecido cada vez con más frecuencia en los estudios organizacionales, desafiando los paradigmas de conocimiento occidentales y eurocéntricos predominantes en el campo de la gestión. Los artículos de esta edición especial ofrecen una crítica y también alternativas a las perspectivas hegemónicas, poniendo en primer plano nuevas posibilidades que consideran las múltiples formas de conocer y organizar, en particular aquellas originadas en comunidades menos visibles, marginadas, indígenas o minoritarias. Los estudios presentados aquí cuestionan normas eurocéntricas arraigadas en la teoría de la gestión, privilegiando nuevas perspectivas que abarcan tres conceptos centrales y comunes entrelazados en la cuestión: hibridismo, otredad y afirmatividad. Estos temas son bastante amplios y reflejan un compromiso en reconocer e integrar diversas tradiciones epistémicas, siguiendo la noción de pluriversalidad para resistir interpretaciones simplistas o monolíticas de prácticas de organización humana. Tal compromiso requiere la defensa de prácticas editoriales más inclusivas, además de las normas tradicionales, para reconocer las barreras impuestas por medios y estándares de publicación dominados por el inglés. El conjunto de artículos publicados en esta edición realiza una exploración interdisciplinaria de la práctica y la teoría decoloniales, al mismo tiempo que demuestra un impulso específico para diversificar y pluralizar el campo de los estudios organizacionales. La participación de voces globalmente marginadas en todos los contextos y formas organizacionales contribuye a promover medios reflexivos e inclusivos para desafiar prácticas hegemónicas dentro de la propia academia y, finalmente, alentar a los académicos organizacionales a adoptar estructuras decoloniales capaces de criticar y renovar prácticas de gestión en todo el mundo.

Palabras clave: Perspectivas decoloniales. Pluriversalidad. Afirmatividad. Hibridismo. Otredad. Estudios organizacionales.

INTRODUÇÃO

> *Chacun de nous a besoin de la mémoire de l'autre, parce qu'il n'y va pas d'une vertu de compassion ni de charité, mais d'une lucidité nouvelle dans un processus de la Relation. Et si nous voulons partager la beauté du monde, si nous voulons être solidaires de ses souffrances, nous devons apprendre à nous souvenir ensemble* (Glissant, 2008).
>
> Cada um de nós precisa da lembrança do outro, não por virtude de compaixão ou caridade, mas por uma clareza recém-descoberta no processo de relacionamento. E se quisermos compartilhar a beleza do mundo, se quisermos ser solidários com seu sofrimento, precisamos aprender a lembrar juntos (Glissant, 2008, tradução nossa).

Temos observado nos últimos anos o ressurgimento do interesse em perspectivas decolonizadoras, decoloniais e pluralistas no que diz respeito aos estudos organizacionais e de gestão (Barros & Alcadipani, 2023; Couto et al., 2021; R. Mir & A. Mir, 2013; Prasad, 2015). Tal interesse iniciou-se primeiramente no campo da antropologia, quando os acadêmicos da área procuraram ir além dos limites tradicionais de uma base de conhecimento do Norte Global. Essa base é o que Marilyn Strathern chama de "[...] formas ocidentais de criar o mundo" (Strathern, 1988, p. 4), criticada por Arturo Escobar como uma "[...] história do investimento do Terceiro Mundo por formas ocidentais de conhecimento e poder" (Escobar, 1995, p. 53) ou o que Castro-Gomez (2006) chama de *arrogância da epistemologia de ponto zero* – a capacidade de construir conhecimento a partir de uma perspectiva monológica, monovocal e única de dominância (Castro-Gomez, 2006).

Os acadêmicos do campo de estudos organizacionais e de gestão vêm buscando cada vez mais *insights* a partir da perspectiva do Sul Global (Pal et al., 2023) e de populações indígenas (Bastien et al., 2023; Peredo, 2023) e marginalizadas (Van Buren et al., 2024) – incluindo as que vivem no Norte Global (Grosfoguel, 2007). São perspectivas que buscam criticar e reconsiderar a adoção hegemônica de paradigmas gerenciais dominantes, ao mesmo tempo em que revelam as estruturas de poder que operam para perpetuar tais paradigmas como "melhores práticas". As teorizações de visões de mundo pluriversais (Escobar, 2018; Mignolo, 2018) levaram a possibilidade de múltiplas formas de conhecimento, organização coletiva e de estar no mundo, oferecendo voz e outras alternativas possíveis de organização.

As perspectivas decolonizadoras e pluriversais são, elas próprias, dimensões relacionadas do declínio do que Mignolo (2018) chama de ordem mundial ocidental "monocêntrica", na medida em que as perspectivas decolonizadoras envolvem uma série de desafios epistemológicos, ontológicos e pragmáticos a essa ordem, enquanto as pluriversais dão conta da expressão afirmativa da pluralidade de maneiras que vão além dessa hegemonia. Mignolo (2018) observa que a pluriversalidade é, em si, uma prática decolonizadora, pois a afirmação da pluralidade profunda torna impossíveis os modos de vida hegemônicos e totalizantes impostos pelo colonialismo. Juntas, a decolonização e a pluriversalidade formam um conjunto entrelaçado de práticas emancipatórias que prometem aprofundar e diversificar o conhecimento sobre as organizações.

Os eventos sociais e políticos contemporâneos, com a atual virada para a autocracia e o declínio da democracia, tornaram o projeto de decolonização e pluriversalidade mais urgente do que nunca. Esse contexto requer formas de organização que resistam e combatam ativamente a violência das epistemologias coloniais. Isso exige não apenas a formação de novas categorias, mas o que Mbembe (2016) chama de trabalho de "desmitificação" da história, da memória e da raça que, no contexto da decolonização global, envolve a análise crítica e o desmantelamento dos mitos da branquitude eurocêntrica que historicamente moldaram as narrativas e as estruturas de poder (Mbembe, 2021; Quijano, 2007). Esse processo é essencial para a promoção de um futuro em que diversas tradições epistêmicas sejam reconhecidas e valorizadas, permitindo que as sociedades se libertem dos legados do colonialismo e trabalhem em prol de uma comunidade global mais equitativa (Mbembe, 2021). Isso pode nos ajudar a abraçar as complexidades de nossas histórias compartilhadas e as muitas vozes que contribuem para nossa compreensão coletiva da humanidade, empregando esforços para "lembrar juntos", nas palavras de Edouard Glissant.

É um processo que está em curso em contextos em que a opressão e a violência têm sido cada vez mais expostas por meio de novas tecnologias. O testemunho registrado em vídeo da morte brutal de George Floyd em 2020 pelas mãos da polícia de Minneapolis deu lugar à globalização de movimentos sociais como o *Black Lives Matter* (BLM) e contra a violência policial, gerando novos apelos para a decolonização de nossas instituições – que precisam ser examinadas e reexaminadas. Os estudiosos têm demonstrado que, apesar dos avanços nos trabalhos que expõem os aspectos coloniais das estruturas macroeconômicas

e políticas ocorridos nos últimos 500 anos, as desigualdades arraigadas permanecem em muitas disciplinas, inclusive nos estudos organizacionais e de gestão (Dar et al., 2021). Nosso distanciamento das estruturas decoloniais não apenas perpetua a ignorância, mas também reforça os próprios legados coloniais que esses campos deveriam desmantelar, ressaltando a necessidade urgente de abordagens inclusivas e decoloniais que se envolvam criticamente com as forças históricas e sistêmicas que impulsionam as desigualdades raciais contemporâneas.

Vários movimentos globais de resistência indígena, como o levante zapatista de 1994 em Chiapas, no México, o movimento *Baguazo* de 2009 no Peru, o movimento *Idle No More* de 2012 no Canadá, ou os protestos contra a construção do oleoduto *Dakota Access* promovidos pela tribo Sioux *Standing Rock* em 2016 e 2017 nos EUA chamaram a atenção global para as ameaças que colocam em risco os modos de vida indígenas. As lutas contínuas dos povos indígenas em todo o mundo contra a colonização em suas diversas formas ajudaram a obter um maior reconhecimento dos seus direitos, especificamente os direitos à terra, e provocaram uma conscientização mais ampla sobre a marginalização indígena. O assentamento e a ocupação contínuos dos territórios palestinos e a violência resultante dessa ocupação (ver, Abdelnour, 2023) levantam novas questões preocupantes sobre as várias manifestações da colonialidade e a natureza da decolonização em lutas de longa data. O rápido desmatamento da floresta amazônica e suas consequências ambientais catastróficas geram questões sobre a pluralidade da natureza e o mais-do-que-humano e não-humano, expondo o colonialismo extrativista em todas as espécies (Ergene & Calas, 2023).

No contexto de tais instâncias cruzadas de violência colonial e das diversas formas de resistência e adaptação criativa que surgem em seu rastro, os estudiosos organizacionais têm muito a aprender. Seja como fonte de "teoria do sul" (J. Comaroff & J. L. Comaroff, 2015) ou como meio de privilegiar o impacto social de nossas pesquisas, as perspectivas decoloniais e pluriversais ampliam o repertório e a variedade de ideias, práticas e contextos, abrindo espaço para novos questionamentos aos estudos organizacionais.

Os estudiosos do campo organizacional também devem ser reflexivos quando se trata de decolonizar suas próprias práticas acadêmicas, o que inclui o reconhecimento de nossa cumplicidade com o setor editorial global (Bristow, 2021). O predomínio das listas de periódicos classificados nos EUA e eurocêntricos serve apenas para reforçar uma supremacia *de facto* da língua inglesa sobre os autores em todo o mundo (Bousebaa & Brown, 2017). Nesse sentido, os estudos decoloniais devem reconhecer seu papel na perpetuação ou mitigação das práticas coloniais no setor editorial e nos processos de revisão por pares. É momento de "pensar fora da lista" e incluir deliberadamente diversos modos de estudos e meios de publicação em todos os idiomas e regiões geográficas. Com base nesse *insight* fundamental, propusemos a presente edição especial com o objetivo de dar maior visibilidade, através de uma publicação sediada no Sul Global, às perspectivas decoloniais na teoria e na pesquisa em administração. Propomos que os estudos publicados nesta edição especial tenham o potencial de contribuir para uma renovação política e intelectual do engajamento acadêmico em questões críticas de memória, história pós-colonial e subjetividade histórica.

DESVENDANDO + A DECOLONIZAÇÃO E A PLURIVERSIDADE DECOLONIAL

Uma perspectiva decolonial nos convida a examinar criticamente a inserção do imperialismo e do colonialismo nos fundamentos linguísticos, heurísticos, axiológicos, ontológicos e epistemológicos da pesquisa, do currículo e do ensino de administração. Permite um engajamento crítico com as formas eurocêntricas de ser e pensar para abraçar o que Mignolo e Walsh (2018) chamam de "pluriversalidade decolonial", ou a capacidade das práticas e epistemologias locais de iluminar, relacionar ou correlacionar com as existentes em outros lugares.

Os estudos de decolonização epistêmica proporcionam uma compreensão mais matizada das reivindicações de identidade profundamente entrelaçadas no tecido da vida organizacional. Esses estudos se baseiam em diferentes perspectivas ontológicas, inclusive decolonial (Mbembe, 2016), afrodiaspórica (Bernardino-Costa et al., 2018), indígena (Peredo & McLean, 2010), pós-capitalista branca (Banerjee & Tedmanson, 2010), pós-colonial (Nkomo, 2011), da pluriversalidade (Escobar, 2018) e da (in)justiça epistêmica (Muzanenhamo & Chowdhury, 2021).

Essa ampla variedade de teorizações e perspectivas decoloniais desafia qualquer tentativa de resumir ou descrever a decolonialidade em termos monolíticos. Pelo contrário, esperamos caracterizar a decolonialidade menos como uma teoria específica e mais como uma disposição particular, como uma *atitude* em relação à pesquisa e à prática que valoriza múltiplas vozes e práticas e permanece consciente das relações de poder entre essas vozes. Essa atitude, embora crítica, permanece cautelosa em relação à imposição de uma visão hegemônica. Nesse sentido, o aspecto pluriversal da decolonização é *fundamental*: em vez de inverter as relações de poder para inaugurar um novo centro a partir das margens, uma decolonialidade pluriversal multiplica os centros para criar uma variedade maior de possíveis formas de ser em territórios e culturas. Apesar de nossa aversão à sistematização excessiva de um campo plural, há alguns temas fundamentais que permeiam as perspectivas decoloniais e que podem ser úteis ao pesquisar esse campo. Caracterizamos esses temas como *hibridismo*, *alteridade* e *afirmatividade*.

Por *hibridismo*, nos referimos à inevitabilidade da mistura, adoção ou do mimetismo cultural, por meio dos quais os significados e as práticas culturais tomam forma através dos processos coloniais (Bhabha, 1984, 1994). Uma perspectiva decolonial poderia ser tentada a romantizar ou exagerar ingenuamente a pureza ou a unicidade das culturas "nativas" e a se concentrar na repressão delas ao longo das várias fases da história colonial. De fato, em certos casos, esse "essencialismo estratégico" (Spivak, 1990) pode ter utilidade política, essencial para criar um senso de solidariedade entre os grupos marginalizados. No entanto, os estudiosos da história colonial têm demonstrado repetidamente as consequências paradoxais e infelizes de uma versão excessivamente simplista e essencialista da mentalidade decolonizadora, que tende a reproduzir de forma variável as estruturas passadas pelo poder colonial, mesmo quando as rédeas deste poder são transferidas para um novo conjunto de elites (Cooper, 1997), ou simplificar excessivamente a dinâmica colonizador-colonizado a ponto de torná-la uma caricatura (Cooper, 2005).

Para Bhabha, o hibridismo é um produto do mimetismo. Ele emerge de um contexto pós-colonial ou neocolonial e produz o que ele chama de *ambivalência* colonial: imita um ideal colonial ao repetir ou replicar a norma, mas sempre produz uma "cópia imperfeita" (Bhabha, 1984, 1994). Mais recentemente, estudiosos decoloniais questionaram a suposição de que o hibridismo como mistura pode reforçar o domínio do colonizador, embora revele assimetrias de poder em suas bases (Yousfi, 2021). Adotar a crioulização como uma alternativa mais dinâmica (Gordon, 2020, 2021) significa vislumbrar uma multiplicidade de culturas interagindo de forma a não privilegiar nenhuma narrativa ou hierarquia preexistente (Murdoch, 2023).

Para Edouard Glissant (1995, 2008), a crioulização surgiu nas plantações das Antilhas, onde a chegada contínua de estrangeiros e a mistura de novas populações geravam constantemente novas identidades e solidariedades por meio da interpenetração constante de senhores, escravos, populações indígenas e recém-chegados. Isso impediu o estabelecimento de uma "identidade raiz" estática e promoveu a redefinição contínua de identidade. Deve-se ressaltar que o empréstimo cultural inerente à hibridização ocorreu, como observa Chakrabarty (1992), de forma mútua e bidirecional, com os colonizadores extraindo conhecimentos e práticas nativos para consolidar seu próprio poder. A crioulização propõe a criação de novas formas culturais que rompem com a imposição hierárquica subjacente ao hibridismo para, em vez disso, buscar uma transformação mútua (Glissant, 1995; Gordon, 2020).

Esse senso de relacionalidade implícito no hibridismo e na crioulização se conecta diretamente à *alteridade*, nosso segundo tema central. A *alteridade* refere-se ao "outro" que é central à identidade e as relações sociais, sem perder de vista as especificidades da situação colonial (por exemplo, De Toro, 1999). O colonialismo envolve processos complexos de "alteridade" pelos quais os grupos dominantes e subjugados são enquadrados como fundamentalmente diferentes e incompatíveis (Kaasila-Pakanen, 2023). No entanto, as formas coloniais de alteridade envolvem um paradoxo, pois o colonialismo também é um processo hegemônico que tenta "civilizar" as populações subjugadas, submetendo-as às normas, aos valores e às identidades dos colonizadores. Isso produz uma tensão em que os sujeitos coloniais são obrigados a se conformar com as formas hegemônicas de ser e conhecer e, ao mesmo tempo, são impedidos de ingressar como membros totalmente iguais da comunidade (Bhabha, 1984). Assim, ocorre um duplo vínculo de alteridade no qual é necessário e proibido "integrar-se" às normas coloniais. Essa ambivalência gera diferentes formas de violência decorrentes desse duplo vínculo, e deu origem a um grande corpus de literatura sobre violência epistêmica.

No entanto, o que torna ainda mais complexa a análise da alteridade é o fato de ela não ser um estado puramente negativo, mas uma fonte fundamental e importante de resistência, afirmação e relacionalidade. Embora "alteridade" seja frequentemente usada com uma conotação negativa para descrever processos de exclusão, também é um conceito fundamental na ética (Byers & Rhodes, 2007) e uma forma importante de pensar as alternativas à dominação colonial (Islam, 2012). As práticas de decolonização geralmente envolvem a descoberta de formas de ser que desafiam as ordens coloniais e transgridem essas

ordens por meio da insistência e da afirmação da alteridade (Gotsis et al., 2015). Inversamente ao duplo vínculo da alteridade que aprisiona os sujeitos coloniais em demandas impossíveis, a afirmação da alteridade pode fornecer uma fonte para a prática emancipatória que evita o fechamento em uma hegemonia dominante e mantém um excesso que pode ser usado de forma produtiva.

Nesse sentido, o potencial emancipatório da alteridade está relacionado ao terceiro tema central, o da afirmatividade, que se refere ao projeto positivo de decolonização, não apenas como resistência e remoção de estruturas de opressão, mas como *afirmação* de múltiplos modos de ser. O conhecimento e a prática decolonizadores revelam e liberam uma infinidade de epistemologias e relações ocultas que haviam sido previamente deslegitimadas pela dominação. O "*de*" em decolonizar, portanto, não deve ser lido apenas como um processo negativo de *desfazer* a dominação, mas também como um desejo mais profundo de *descobrir* e *desvendar* modos de vida marginalizados, e torná-los disponíveis para aumentar o leque de possibilidades. Isso também sustenta a abertura para novas formas de vida que não sejam redutíveis a tradições ou relegadas ao passado. Essa abertura pode permitir a evolução e a descoberta do potencial oculto, historicamente truncado pela dominação.

A afirmatividade está particularmente relacionada ao aspecto pluriversal da decolonização, pois o pensamento pluriversal vai além das concepções "mono-ontológicas" para colocar a multiplicidade e a diversidade como fundamentais e não redutoras (Escobar, 2018, p. 68). Essa recusa da mono-ontologia permite a afirmação de sistemas de crença e ação diversos e potencialmente incomensuráveis (Daher, 2024), vivendo e permanecendo com o "problema" (Haraway, 2016) decorrente de tal incomensurabilidade, sem representar uma inimizade inerente entre diferentes modos de ser. Ao mesmo tempo, esse pensamento não ortodoxo não é simplesmente um apelo à diversidade no sentido liberal de identidades múltiplas e autônomas, mas insiste na relação contínua entre modos incomensuráveis de ser e existir. As práticas decoloniais não estão vinculadas à proliferação da pluralidade ou diversidade atomística, nem à subsunção da pluralidade em um todo homogêneo. Para nós, elas estão muito mais centradas na afirmação da multiplicidade contínua de modos de vida relacionalmente complexos.

Embora o hibridismo, a alteridade e a afirmatividade possam ser apenas categorias heurísticas para dar sentido a um campo mais amplo de decolonialidade, elas marcam várias características importantes que orientaram o processo por trás da presente edição especial. Em primeiro lugar, a decolonização envolve a promoção do reconhecimento respeitoso das tradições e dos conhecimentos culturais sem reificar a cultura em termos estáticos ou essenciais, vendo-a como um trabalho em andamento e dando autonomia aos atores para que encontrem novas formas de expressar suas tradições. Em segundo lugar, a decolonização envolve manter e respeitar a diferença em relação ao outro, reconhecendo as relações de poder embutidas na alteridade e evitando formas de alteridade que excluam ou marginalizem as populações mais vulneráveis. Em terceiro, a decolonização envolve uma combinação de crítica e afirmação que revela, sem hesitação, estruturas de poder e dominação, ao mesmo tempo em que resiste à representação de grupos marginais como passivos. Essas heurísticas guiaram nossa avaliação e seleção de artigos para a presente edição, com o objetivo de promover uma abordagem pluriversal e crioulizada da decolonização.

DECOLONIZAÇÃO NA PRÁTICA: DESMANTELAMENTO DA RÍGIDA ORTODOXIA ACADÊMICA

A presente edição destaca o envolvimento com formas alternativas de conhecimento e prática das margens geográficas, políticas e econômicas, tanto do "Norte" quanto do "Sul", e os espaços híbridos dentro e entre cada um deles (Islam, 2012). O significado disso para a prática acadêmica envolve uma atenção à diferença de expressão e estilo, incluindo o idioma, a adoção de concepções alternativas de organização e seu estudo acadêmico. Destacamos várias maneiras específicas pelas quais essa abordagem orientou nosso processo.

Idiomas: perspectivas decolonizadoras em estudos organizacionais observaram o papel hegemônico do idioma no estabelecimento e na manutenção de relações coloniais (Bousebaa & Brown, 2017; Murphy & Zhu, 2012). A predominância do inglês em periódicos acadêmicos de alto nível exerce pressões de exclusão sobre acadêmicos do Sul Global e sobre aqueles para quem o inglês não é o primeiro idioma. Embora saibamos da importância do inglês como um modo pragmático de comunicação acadêmica em todo o mundo, reconhecemos essas forças de exclusão e afirmamos a necessidade de encontrar maneiras de mitigar os danos do monolinguismo acadêmico. Como um primeiro passo, embora limitado, nessa direção, aceitamos para esta edição especial manuscritos em espanhol, português, francês e inglês, com a promessa de apoio à tradução dos artigos aceitos graças ao compromisso da equipe editorial dos Cadernos EBAPE.BR.

Entendemos que tal medida tem suas limitações, já que cada um dos idiomas mencionados acima tem sua própria história colonial originada na Europa e envolve violência contra centenas de idiomas e dialetos locais. No entanto, acreditamos que mesmo essa pequena extensão oferece uma barreira contra a unicidade global do inglês e permite que acadêmicos de uma variedade maior de países entrem na discussão. Além disso, as complexidades da edição e da revisão por pares configuravam que mesmo um pequeno acréscimo de idiomas exigia a multiplicação dos grupos de revisores e a busca de uma equipe editorial com vários recursos linguísticos. Além dos artigos em si, essa diversificação do grupo de revisores e editores teve um efeito inclusivo. Assim, embora a questão do idioma continue sendo um desafio na decolonização da academia, esperamos que esta edição especial dê pequenos passos na direção certa.

Estilos: os impactos hegemônicos do idioma não se limitam a quantidade de línguas, mas também aos aspectos estilísticos da redação e das normas acadêmicas. Essas normas envolvem um conjunto barroco de características estilísticas cujo domínio e controle acadêmico são distribuídos de forma desigual em todo o mundo. De fato, dentro da própria academia, as normas de redação acadêmica podem diferir muito entre as tradições anglófonas, francófonas, hispanófonas e lusófonas (Golden et al., 2021). Embora as normas de redação acadêmica sejam importantes para a clareza analítica e o rigor argumentativo, elas também estabelecem barreiras ocultas de entrada para que conhecimentos conceituais e experienciais legítimos sejam incluídos na discussão. Portanto, seus benefícios devem ser pesados em relação a esses custos e, em um nível mais profundo, devem ser avaliados os custos da clareza em termos do possível comprometimento de virtudes epistêmicas como novidade, variedade ou reflexividade crítica.

Tendo isso em mente, tentamos avaliar os manuscritos em uma ampla variedade de modos de expressão, numa abordagem de desenvolvimento, mas sem um sentido altamente regulamentado de redação acadêmica. Isso levantou um conjunto de considerações muito mais difícil e matizado do que a discussão sobre a expansão apenas no idioma, pois envolveu julgamentos sutis sobre a qualidade acadêmica e sua relação com o estilo de redação. Como os dois são geralmente concomitantemente considerados, tivemos dificuldades para avaliar o que considerávamos "trabalho de qualidade" e, ao mesmo tempo, permanecer abertos a estilos alternativos. Isso muitas vezes significava trabalhar de forma construtiva com os autores durante o processo de revisão para orientá-los, sem restringir os modos de expressão e para melhorar os manuscritos durante todo o processo e sem impor uma forma preferida de contar uma determinada história. Cada manuscrito tornou-se um novo local de aprendizado colaborativo sobre a decolonização da redação acadêmica.

Disciplinas: as perspectivas de decolonização não se originam nem estão particularmente ligadas aos estudos organizacionais, mas são oriundas de uma mistura de disciplinas humanísticas, antropológicas e científicas. Os acadêmicos do campo organizacional se basearam em trabalhos seminais sobre decolonização dessa disciplina para aplicar e ampliar suas percepções nas análises da organização. No entanto, as raízes disciplinares da decolonização permanecem diversas, e uma abordagem inclusiva envolveria melhor a consideração de como as práticas de decolonização podem se basear nas fontes disciplinares das quais se valem, ou as maneiras pelas quais essas fontes são trazidas para o conhecimento organizacional.

Em nosso processo editorial, buscamos ser sensíveis à heterogeneidade disciplinar das fontes e aplicações das perspectivas de decolonização. Incluímos artigos que se baseavam em fontes sociológicas e antropológicas, por exemplo, além de incluir novas perspectivas sobre a decolonização no marketing. Por fim, incluímos artigos que tentaram mapear as redes acadêmicas de estudos de decolonização, tanto nos de administração e organização, quanto fora deles.

Geografia: de forma semelhante ao idioma, procuramos incluir vozes de diversas origens geográficas e de comunidades habitualmente sub-representadas nos estudos organizacionais. Tratou-se de um desafio, em parte porque tivemos que ampliar nossas próprias redes acadêmicas para encontrar os canais de comunicação e as comunidades por meio das quais poderíamos alinhar nossa chamada a uma grande diversidade de autores. Além disso, uma de nossas principais razões para inserir a edição especial nos Cadernos EBAPE.BR foi representar as perspectivas brasileiras sobre a decolonização; no entanto, isso também significou que, por essa origem, foi um desafio reunir submissões de fora do Brasil. Assim, embora tenhamos recebido um grande número de submissões em inglês e português, o número de trabalhos em outros idiomas e oriundos de outras regiões geográficas além da Europa e do Brasil foi limitado.

Uma possível ressalva nesse sentido é, entretanto, a dificuldade em discernir a "geografia" de um autor ou perspectiva a partir do endereço institucional de uma submissão. Uma das consequências das histórias coloniais é que os autores do Sul Global geralmente estão localizados em instituições de ensino superior no Norte Global. Dessa forma, a relação entre a localização geográfica e a diversidade epistêmica não é direta e deve ser mais questionada. Seria excessivamente simplista supor que uma

submissão vinda do "Norte" representasse, portanto, uma perspectiva do "Norte", ou que essa localização fosse irrelevante para a forma e o conteúdo do manuscrito. Em vez disso, é provável que haja alguma relação complexa entre localizações geográficas e epistêmicas em jogo, e nos esforçamos para teorizar, de forma diferenciada, sobre como essa relação realmente ocorre.

UM PANORAMA DOS ARTIGOS DA EDIÇÃO ESPECIAL

Esta edição reúne diversas perspectivas de todo o espectro da administração, nos contextos brasileiro e internacional, de forma a mobilizar uma pluralidade de pontos de vista teóricos. Essas contribuições criticam as epistemologias hegemônicas ao mesmo tempo em que promovem perspectivas decoloniais na academia e fora dela. Apresentam filosofias nativas e examinam as práticas cotidianas de resistência de diferentes grupos marginalizados. Juntas, formam uma ilustração com a curadoria das muitas possibilidades de pensamento e prática decoloniais que fornecem um modelo para a pesquisa em administração no Brasil e em outros países.

A primeira contribuição, de Fagner Carniel, Adonai José Lacruz, Bruno Luiz Américo e Meire Mathias, "Estudos decoloniais nos circuitos hegemônicos da produção acadêmica brasileira", examina a produção acadêmica brasileira para avaliar a prevalência da pesquisa decolonial e criticar a produção acadêmica hegemônica. Ao examinar os trabalhos por meio de uma revisão crítica da literatura, os autores procuraram mapear as redes de pesquisa decolonial no Brasil. Observaram um rápido aumento do interesse nesse tópico em meados da década de 2010, com um foco interdisciplinar nas ciências sociais e humanas. Particularmente interessante é a forma como eles expõem uma relação de rede entre estudos decoloniais e de gênero, sugerindo a possibilidade de uma lente interseccional para a pesquisa decolonial dentro da academia brasileira.

O segundo artigo, de Gustavo Santos Dias Barreto, "O caso do trabalhador preferido – três diretrizes para uma agenda de pesquisa decolonial sobre sentidos do trabalho" continua a discussão sobre o conhecimento hegemônico por meio de uma perspectiva decolonial sobre o conceito de *meaningful work* (trabalho com significado ou trabalho significativo). Examinando como os discursos hegemônicos no âmbito desse tipo de trabalho emanaram das escolas de administração de empresas nos EUA, o autor faz um balanço das consequências neoliberais da virada para a questão do *significado*. Ele sugere que a decolonização do significado envolveria uma sensibilidade à resistência (ou *re-existência*) às imposições hegemônicas e uma expansão da ideia do trabalhador neoliberal diretamente implicada na literatura do trabalho com significado ou significativo.

O terceiro artigo, de Anderson de Souza Sant'Anna, "Entre habitus e dépaysement: uma perspectiva decolonial sobre a favela carioca da Catacumba" combina o pensamento decolonial com a tradição bourdieusiana da sociologia crítica, usando os conceitos de Bourdieu de "*habitus*" e "*dépaysement*" no contexto de uma comunidade de *favela* marginalizada da cidade do Rio de Janeiro. Ao combinar Bourdieu com perspectivas decolonizadoras o autor teoriza, por um lado, na interface de estudos críticos de poder e estrutura social, e por outro, nas práticas contemporâneas de colonização e marginalização, bem como formas de resistência comunitária. Esse trabalho cria um importante intercâmbio entre as perspectivas sociológicas decoloniais e críticas que podem enriquecer as perspectivas organizacionais críticas de forma mais geral.

O quarto artigo, de Fábio Moita Louredo e Sergio Wanderley, "A dialética da "ninguendade" e o desprendimento: a decolonialidade em Darcy Ribeiro e sua contribuição para os estudos organizacionais" examina os estudos do cientista social brasileiro Darcy Ribeiro e sua relação com a decolonização. Ribeiro raramente é considerado dentro do cânone decolonial e, portanto, foi feita aqui uma nova conexão, abrindo novas possibilidades de teorização entre linhas temáticas. Ao examinar especificamente como o conceito de "*ninguendade*" dialoga com as perspectivas decolonizadoras de Walter Mignolo, o estudo expande as possibilidades da teoria social brasileira de contribuir com as perspectivas decolonizadoras contemporâneas.

O quinto artigo, de Thaís Zimovski Garcia de Oliveira, Rafael Gonçalves Silva Freire, Gabriel Farias Alvez Correia e Alexandre de Pádua Carrieri, "Água e gênero: um olhar decolonial sobre as transformações hidrossociais na Vila Ideal" traz nosso foco de volta a um local empírico interessante do Brasil, a favela Vila Ideal, na periferia da cidade de Belo Horizonte. Este artigo discute a decolonização em sua interseção com o gênero, examinando o papel das mulheres e as atividades de distribuição de água na favela. Acompanhando as transformações históricas da Vila Ideal, os autores examinam como o papel das mulheres coletoras de água, em especial das mulheres negras, se transformou diante de um cenário de mudanças de poder no território. Cunhando o termo "relações *hidrossociais*", os autores fornecem uma importante ferramenta analítica que pode ser estendida a perspectivas decolonizadoras na interface das preocupações de gênero, coloniais e ambientais, tornando este artigo de especial valor no cenário emergente dos estudos de organização decolonial.

CC BY

O sexto artigo tem a autoria de Alexandre Faria, "Reaprendendo a decolonizar (cada vez) mais e recolonizar (cada vez) menos dentro e fora da academia e da organização" e oferece um exame empírico de um programa de aprendizagem-ação que buscou implementar uma abordagem de decolonização na prática. Como forma de colaboração entre uma organização pública e uma escola de administração, ele fornece um modelo para perspectivas de decolonização entre acadêmicos do campo das organizações. No programa apresentado, o autor trabalha de forma colaborativa para estabelecer formas "*extracapitalistas*" de ser e oferecer alternativas às lógicas neoliberais importadas dos EUA. Ao propor um conceito de "método como prática", o autor examina maneiras de envolver-se em práticas colaborativas para decolonizar mais e recolonizar menos.

O sétimo artigo, de Stephanie Daher, Ana Paula Medeiros Bauer e Rene Eugenio Seifert, "Potencialidade e manifestação: uma experiência do perspectivismo Ameríndio, um convite para repensar o conceito de organização" é uma extensão ambiciosa de conceituações do pensamento nativo e latino-americano para reformular conceitos centrais dos estudos organizacionais. Os autores se baseiam no conhecimento antropológico de Eduardo Viveiros de Castro e analisam suas traduções do pensamento ameríndio para um idioma filosófico que pode contribuir para a compreensão da ideia de organização. O artigo oferece um diálogo particularmente rico com as abordagens críticas e pós-modernas dos estudos organizacionais, adotando em especial uma perspectiva deleuziana, onde as noções de rizoma e potencialidade são trazidas para o centro da análise organizacional. Ao vincular esses conceitos às filosofias indígenas e suas traduções antropológicas, Daher e seus coautores visam decolonizar a prática epistêmica colocando o pensamento indígena em primeiro plano como uma filosofia fundamental. Além disso, ao trazer as tradições nativas para o diálogo com a filosofia pós-moderna, tentam o difícil equilíbrio de relacioná-la à filosofia ocidental sem submeter suas próprias ideias a essa filosofia. Assim, o artigo oferece um modelo exemplificativo de decolonização epistêmica.

O oitavo artigo, escrito por Karen Batista, "Da (re)produção do conhecimento à prática gerencial de marketing no Brasil: é possível decolonizar o marketing?" é o único dentre os publicados na presente edição oriundo da disciplina de marketing, sendo uma contribuição muito bem-vinda a partir de um campo que fez poucas incursões em perspectivas decolonizadoras (Eckhardt et al., 2022). Em uma perspectiva histórica, o artigo examina a influência do marketing norte-americano na formação e no desenvolvimento deste setor no Brasil, relacionando-o à ideologia neoliberal e à política da Guerra Fria. O autor afirma que as ideologias fundamentais do marketing no Brasil continuaram a moldar o setor de maneiras que são ignoradas pelos principais profissionais e acadêmicos. Considerando a história como uma forma de colonização epistêmica, o estudo busca revelar as estruturas de poder que sustentam a construção de um campo acadêmico e oferecer espaço para a prática decolonizadora em marketing.

O nono artigo, de Felipe Teixeira Genta Maragni, Ana Carolina Oliveira Rodrigues Costa, Natássia Menezes Campos e Silvia Pereira de Castro Casa Nova, "Poder de Escolha: uma práxis decolonial para a ressignificação do espaço universitário" descreve os resultados de um projeto universitário sobre empreendedorismo feminino aplicado na periferia da cidade de São Paulo. Com base no trabalho do teórico da educação brasileira Paulo Freire, os autores se concentraram nas possibilidades emancipatórias do programa de treinamento, no qual as participantes elaboraram temas sobre os autoconceitos e as tensões em suas experiências pessoais. Os autores mobilizam a ideia de *escrevivências* (Evaristo, 2017), que se refere a uma forma de escrita experimental e vivencial por meio da qual os participantes expressam seus mundos de vida. Por meio das *escrevivências*, as participantes descreveram suas experiências ambivalentes e institucionalmente ancoradas de forma a dar voz a uma população que, de outra forma, seria sub-representada ou silenciosa. Da mesma forma que o artigo de Faria (2024), Maragni et al. (2024) ancoram sua teorização acadêmica em um envolvimento com uma população local com um motivo emancipatório e, assim, incorporam uma das dimensões importantes da prática decolonizadora na pesquisa ao vincular diretamente a teoria à prática emancipatória.

O décimo e último artigo desta edição "Tornando-se um empreendedor na Metrópole: resistindo às tentativas de recolonização das incubadoras" é de autoria de Severine Le Loarne-Lemaire, Gloria Haddad, Rola Al Ali e Gael Bertrand, e analisa empreendedores em estágio inicial de suas iniciativas, no contexto francês. Essa amostra de empreendedores é proveniente de uma população de imigrantes com origens nas antigas colônias africanas francesas e oferece um local interessante de empréstimo cultural, alteridade e hibridização. Os autores adotam uma abordagem etnográfica, com foco no empreendedorismo como prática, examinando como os empreendedores imigrantes – em particular as mulheres empreendedoras negras vivendo na periferia – se posicionam no centro francês, a "metrópole". É importante ressaltar que o estudo explora o significado das perspectivas decolonizadoras dentro do legado da colonização, conforme ele ocorre no Norte Global. Este artigo também teoriza formas de agência empresarial que existem em meio a processos de marginalização cultural, buscando capacitar sujeitos que, no entanto, estão inseridos em relações de poder assimétricas.

CC BY

De modo geral, os dez artigos desta edição especial oferecem ideias e práticas geográficas, teóricas e empiricamente diversificadas para expandir uma agenda decolonizadora nos estudos organizacionais. Com base na Teoria do Sul, bem como nas teorias sociais e críticas clássicas, os estudos abrangem uma gama de preocupações, tanto empíricas quanto teóricas. Alguns tendem a examinar os esforços de decolonização em ambientes acadêmicos ou pedagógicos, mas também vão além da academia para examinar as formas de prática nas favelas e nos modos de ser nativos (conforme discutido em Peredo, 2023). Por meio de nosso próprio diálogo com os autores durante o processo editorial, que se estendeu a uma rede global de revisores envolvidos na produção desta edição, essas ideias e práticas foram expostas a uma ampla comunidade de especialistas que as consideraram, debateram, rejeitaram e comentaram construtivamente. Como equipe editorial, nos esforçamos para adotar abordagens decoloniais na produção da edição especial, especificamente durante os processos de revisão acadêmica e desenvolvimento de manuscritos. Isso significou, em alguns momentos, passar mais tempo com os autores para inspirar confiança e permitir um surgimento mais lento e gradual de melhorias incrementais do que em outros calendários de publicação "típicos" do Norte Global. Temos mais do que sorte de ter sido agraciados com o talento de um grupo excepcional de revisores comprometidos com esse ideal, e testemunhado como eles trabalharam pacientemente para fornecer contribuições em várias fases de revisão. A partir desta publicação, essa rede se estende externamente, incluindo os diversos leitores da revista, estabelecendo e expandindo ainda mais a discussão decolonial.

DISCUSSÃO: RUMO À CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA DE PESQUISA DECOLONIAL E PLURIVERSAL

Dada a diversidade dos artigos apresentados nesta edição especial, a interdisciplinaridade das perspectivas decoloniais e a amplitude dos temas apresentados acima como caracterizadores das abordagens decolonizadoras, perguntamo-nos como poderíamos promover uma agenda de pesquisa decolonizadora que fosse coerente e fiel a essa diversidade constitutiva. A seguir, com base em nossa experiência adquirida durante o processo de construção desta publicação, traçamos alguns temas gerais que poderiam servir de base para trabalhos futuros.

Um tema que emerge da presente coletânea é o de como as perspectivas de decolonização podem variar entre diferentes regiões do Sul Global. Esses artigos tratam, em grande parte, da decolonização com relação aos contextos empíricos e teóricos brasileiros. Entretanto, as histórias coloniais do Brasil são distintas das da África do Norte e subsaariana, do subcontinente indiano, da Oceania e de outros países da América Latina. Davidson (2021) sugere, por exemplo, que os movimentos de resistência decolonial assumiram variedades distintas nos contextos latino-americano e africano, sendo que o primeiro tende a variedades antiestatistas, enquanto o segundo se concentra mais na autonomia do Estado e na formação de um novo Estado-nação. Embora essas análises sejam sempre generalizantes e exijam nuances cuidadosas, a comparação das variedades de práticas decoloniais e suas consequências é de fundamental importância para mapear a pluralidade dessas práticas.

Da mesma forma, os artigos incluem uma mistura de estudos acadêmicos e comunitários, com foco, por exemplo, na dinâmica do poder nas favelas, juntamente com considerações sobre teóricos brasileiros e suas contribuições para a teorização decolonial. No entanto, a relação entre esses conhecimentos acadêmicos e não acadêmicos permanece ambígua. Uma exceção é o artigo de Faria sobre uma colaboração entre atores acadêmicos e não acadêmicos. Uma área propícia para pesquisas futuras seria questionar a natureza de tais colaborações, bem como as maneiras distintas pelas quais os atores acadêmicos e não acadêmicos fazem a decolonização do conhecimento e da prática.

Da mesma forma, no âmbito acadêmico, vários dos artigos invocaram teóricos que não são bem conhecidos por seu pensamento decolonial (por exemplo, Darcy Ribeiro) ou teóricos do Norte Global (por exemplo, Bourdieu). É um caminho interessante e promissor tentar entender como os teóricos que não foram originalmente ou primariamente vistos como "decoloniais" podem continuar a informar e ampliar essas perspectivas. O entendimento de como essa ponte pode ser construída e quais são as possibilidades e os desafios de fazê-lo é um campo promissor.

Dentro do próprio estudo organizacional, uma diversidade de possibilidades decoloniais está disposta nos subcampos encontrados nas escolas de administração. O artigo de Batista, por exemplo, estende uma perspectiva decolonizadora ao marketing, que é uma área pouco desenvolvida no contexto deste tema. Outros campos, como Recursos Humanos, Contabilidade e Finanças, podem ser importantes extensões para aplicação. Como exemplo, a pesquisa decolonizadora sobre carreiras, mobilidade ou identidade vocacional pode enriquecer a área de Recursos Humanos (como apresentado por Mielly & Peticca-Harris, 2022),

enquanto a compreensão dos efeitos coloniais das medidas de relatório ou estruturas de controle pode ajudar a fornecer formas alternativas de modelos de contabilidade e gestão (como mostraram Silva et al., 2022).

Como consideração final, a presente coletânea de artigos foi uma tentativa de criar uma ampla plataforma para uma discussão ampliada sobre a articulação e a disseminação de perspectivas em relação a decolonização e a pluriversalidade decolonial. A literatura sobre decolonização está tendo seu "momento", chegando hoje a um ponto em que pode reivindicar seu próprio lugar e legitimidade como uma área central de pesquisa organizacional. É também um dos tópicos de pesquisa de crescimento contínuo mais vibrantes e ativos em todas as regiões geográficas, participando diretamente do espírito crítico de nossa época. Seria lamentável se a consolidação dessa literatura levasse a um estabelecimento previsível de normas e moderadores, debatendo os detalhes mais sutis de manobras conceituais misteriosas, de forma que poderia acabar restringindo a discussão. É precisamente por causa de seu sucesso crescente que ela deve permanecer inclusiva de vozes, teóricos e práticas criativas contrastantes e diversas. Tentamos incorporar esse espírito em nossa abordagem geral ao preparar esta edição especial, e seria um sinal de sucesso se, em vez de se tornar "autoritária" no sentido mais colonial do termo, ela se tornasse um trampolim para novas rebeliões; um ponto de partida para tentativas contínuas de ampliar, revisar, criticar e reconfigurar as discussões aqui apresentadas.

CC BY

REFERÊNCIAS

Abdelnour, S. (2023). Making a killing: Israel's military-innovation ecosystem and the globalization of violence. *Organization Studies*, *44*(2), 333-337.

Alcadipani, R., & Faria, A. (2014). Fighting Latin American marginality in "international" business. *Critical Perspectives on International Business*, *10*(1/2), 107-117.

Banerjee, S., & Tedmanson, D. (2010). Grass burning under our feet: Indigenous enterprise development in a political economy of whiteness. *Management Learning*, *41*(2), 147-165.

Barros, A., & Alcadipani, R. (2023). Decolonizing journals in management and organizations? Epistemological colonial encounters and the double translation. *Management Learning*, *54*(4), 576-586.

Bastien, F., Coraiola, D. M., & Foster, W. M. (2023). Indigenous peoples and organization studies. *Organization Studies*, *44*(4), 659-675.

Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (2018). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Autêntica Editora.

Bhabha, H. (1984, Spring). Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse. *October*, *28*, 125-133. https://doi.org/10.2307/778467

Bhabha, H. (1994). *The location of culture.* Routledge.

Boussebaa, M., & Brown, A. D. (2017). Englishization, identity regulation and imperialism. *Organization studies*, *38*(1), 7-29.

Bristow, A. (2021). What was, is and will be critical about journal publishing? *Ephemera: Theory & Politics in Organizations*, *21*(4), 23-55.

Byers, D., & Rhodes, C. (2007). Ethics, alterity, and organizational justice. *Business Ethics: A European Review*, *16*(3), 239-250.

Castro-Gómez, S. (2006). *Zero-Point Hubris: Science, Race, and Enlightenment in Eighteenth-Century Latin America*. Rowman & Littlefield Publishers.

Chakrabarty, D. (1992). Provincializing Europe: Postcoloniality and the critique of history. *Cultural studies*, *6*(3), 337-357

Chowdhury, R. (2023). Misrepresentation of Marginalized Groups: A Critique of Epistemic Neocolonialism. *Journal of Business Ethics*, *186*(3), 553-570.

Comaroff, J., & Comaroff, J. L. (2015). *Theory from the South: Or, how Euro-America is evolving toward Africa*. Routledge.

Cooper, F. (1997). The Dialectics of Decolonization: Nationalism and Labor Movements in Postwar French Africa. In F. Cooper, & A. Stoler (Eds.), *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World* (pp. 406-435). University of California Press.

Cooper, F. (2005). *Colonialism in question: Theory, knowledge, history*. University of California Press.

Couto, F. F., Honorato, B. E. de F., & Carrieri, A. de P. (2021). The decolonizing future of organization studies. *Ephemera*, *21*(4), 57-88.

Daher, S. (2024). Organizing at the End of the World: Ontological Perspectivism as an Approach to Ecological Crises. *Academy of Management Proceedings*, *2024*(1), 16826. https://doi.org/10.5465/AMPROC.2024.14bp

Dar, S., Liu, H., Martinez Dy, A., & Brewis, D. N. (2021). The business school is racist: Act up! *Organization*, *28*(4), 695-706.

Davidson, M. (2021). *Anthropology and the 'crisis of Marxism'* (Doctoral Dissertation). School of Politics and International Relations Queen Mary, University of London, London, UK.

De Toro, F. (1999). The postcolonial question: Alterity, identity, and the other(s). In A. De Toro, & F. De Toro (Eds.), *El debate de la postcolonialidad en Latinoamérica: Una postmodernidad periférica o cambio de paradigma en el pensamiento latinoamericano* (pp. 101-136). Iberoamericana Editorial Vervuert.

Eckhardt, G. M., Belk, R., Bradford, T. W., Dobscha, S., Ger, G., & Varman, R. (2022). Decolonizing marketing. *Consumption Markets & Culture*, *25*(2), 176-186.

Ergene, S., & Calás, M. B. (2023). Becoming naturecultural: Rethinking sustainability for a more-than-human world. *Organization Studies*, *44*(12), 1961-1986.

Escobar, A. (1995). *Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World*. Princeton University Press.

Escobar, A. (2018). *Designs for the Pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds.* Duke University Press.

Evaristo, C. (2017). *Becos da memória*. Pallas Editora.

Faria, A. (2024). Reaprendendo a decolonizar (cada vez) mais e recolonizar (cada vez) menos dentro e fora da academia e da organização. *Cadernos EBAPE.BR*, *22*(6), e2023-0060.

Glissant, E. (1995). *Introduction à une Poétique du Divers.* Montréal: Presses de l'Université de Montréal.

Glissant, E. (2008). *Une nouvelle région du monde* (Vol. 1: Esthétique). University of Michigan.

Golden, A., Kulbrandstad, L. A., & Zhang, L. J. (Eds.). (2021). *Crossing borders, writing texts, being evaluated: Cultural and disciplinary norms in academic writing* (Vol. 97). Multilingual Matters.

Gordon, J. A., Guru, G., Sarukkai, S., Jensen, K. E., & Perina, M. L. (2020). Creolizing the Canon: Philosophy and Decolonial Democratization? *Journal of World Philosophies*, 5(2), 94-138.

Gordon, L. (2021). *Freedom, justice, and decolonization*. Routledge.

Gotsis, G., Kortezi, Z., Gotsis, G., & Kortezi, Z. (2015). Operationalizing critical diversity theories: a contextual framework of implementing new diversity practices. In George G., & Z. Kortezi (Eds.), *Critical Studies in Diversity Management Literature: A Review and Synthesis* (pp. 69-98). Springer.

Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn. *Cultural Studies*, *21*(2-3), 211-223.

Haraway, D. J. (2016). *Staying with the Trouble*. Duke University Press.

Islam, G. (2012). Can the subaltern eat? Anthropophagic culture as a Brazilian lens on post-colonial theory. *Organization*, *19*(2), 159-180.

Kaasila-Pakanen, A. L. (2023). *Thinking through encounters: postcolonial essays on difference and otherness in organization studies* (Doctoral

Dissertation). University of Oulu Graduate School, Oulu Business School, Oulu, Finland.

Maragni, F. T. G., Costa, A. C. O. R., Campos, N. M., & Casa Nova, S. P. de C. (2024). Poder de Escolha: uma práxis decolonial para a ressignificação do espaço universitário. *Cadernos EBAPE.BR*, *22*(6), e2023-0064.

Mbembe, A. (2016). Decolonizing the university: new directions. *Arts and Humanities in Higher Education*, *15*(1), 29-45.

Mbembe, A. (2021). *Out of the dark night: Essays on decolonization*. Columbia University Press.

Mielly, M., & Peticca-Harris, A. (2022). Local worker perspectives from Nicaraguan surf tourism: revisiting career anchors in non-standard work contexts. *Career Development International*, *27*(2), 245-259.

Mignolo, W.D. (2018). On pluriversality and multipolar world order: Decoloniality after decolonization; dewesternization after the cold war. In B. Reiter (Ed.), *Constructing the pluriverse* (pp. 90-116). Duke University Press.

Mignolo, W., & Walsh, C. (2018). *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Duke University Press.

Mir, R., & Mir, A. (2013). The colony writes back: Organization as an early champion of non-Western organizational theory. *Organization*, *20*(1), 91-101.

Murdoch, H. A. (2023). Creolization, Hybridity and Archipelagic Thinking: Interrogating Inscriptions of Postcolonial Agency. *The Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry*, *10*(1), 104-120. https://doi.org/10.1017/pli.2022.33'

Murphy, J., & Zhu, J. (2012). Neo-colonialism in the academy? Anglo-American domination in management journals. Organization, 19(6), 915-927

Muzanenhamo P., & Chowdhury R. (2021). *Epistemic injustice and hegemonic ordeal in management and organization studies: Advancing Black scholarship*. Human Relations. https://doi.org/10.1177/00187267211014802

Nkomo, S. M. (2011). A postcolonial and anti-colonial reading of 'African' leadership and management in organization studies: tensions, contradictions, and possibilities. *Organization*, *18*(3), 365-386.

Nkomo, S. M. (2019). The emperor has no clothes: Rewriting "race in organizations". In Postmodern Management Theory (pp. 463-489). Routledge.

Pal, M., Cruz, J., & Munshi, D. (Eds.). (2023). *Organizing at the Margins: Theorizing Organizations of Struggle in the Global South*. Springer Nature.

Peredo, A. M. (2023). The unsettling potential of Indigenous organizing. *Organization*, *30*(6), 1211-1221.

Peredo, A. M., & Chrisman, J. J. (2006). Toward a theory of community-based enterprise. Academy of Management Review, 31(2), 309–328Peredo, A. M., & McLean, M. (2010). Indigenous development and the cultural captivity of entrepreneurship. *Business & Society*, *52*(4), 592-620.

Prasad, A. (2015). Toward decolonizing modern Western structures of knowledge: A postcolonial interrogation of (Critical) Management Studies. In A. Prasad, P. Prasad, A. Mills, & J. H. Mills (Eds.), *The Routledge companion to critical management studies* (pp. 161-199). Routledge.

Quijano, A. (2007). Coloniality and Modernity/Rationality. *Cultural Studies*, *21*(2-3), 168-178.

Silva, C. M. D., Sauerbronn, F. F., & Thiollent, M. (2022). Decolonial studies, non-extractive methods, and participatory action research in Accounting. *Revista de Administração Contemporânea*, *26*(04), e210014.

Spiller, C., Maunganui Wolfgramm, R., Henry, E., & Pouwhare, R. (2020). Paradigm warriors: Advancing a radical ecosystems view of collective leadership from an Indigenous Māori perspective.

Spivak, G. (1990). *The post-colonial critic: Interviews, strategies, dialogues*. Routledge.

Strathern, M. (1988). *The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. University of California Press.

Van Buren III, H. J., Karam, C., & Afiouni, F. (2024). Producing actionable knowledge about marginalized populations and communities: a challenge to editors and journals. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, *43*(2), 300-312.

Yousfi, H. (2021). International management, should we abandon the myth of cultural Hybridity? A re-examination of the contribution of postcolonial and decolonial approaches. *M@n@gement*, *24*(1), 80-89.

Michelle Mielly
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3321-5334
Professora de Direito, Administração e Ciências Sociais na EM-Lyon Business School. E-mail: mielly@em-lyon.com

Gazi Islam
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6503-6018
Professor de Pessoas, Organizações e Sociedade na Grenoble Ecole de Management e membro do laboratório de pesquisa IREGE (Instituto de Pesquisa em Gestão e Economia). E-mail: gazi.islam@grenoble-em.com

Ana Maria Peredo
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5534-4834
Professora Presidente de Pesquisa do Canadá (Nível 1) em Empreendedorismo Social e Inclusivo na Telfer School of Management, Universidade de Ottawa. E-mail: aperedo@uottawa.ca

Penelope Muzanenhamo
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8575-9347
Professora Assistente em Negócios na África na University College Dublin. E-mail: penelope.muzanenhamo@ucd.ie

Hélio Arthur Reis Irigaray
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9580-7859
Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP); Mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Bacharel em Economia pela University of Northern Iowa; Professor Adjunto Sênior da Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE); Professor Adjunto na Georgetown University e ESADE, no programa de mestrado internacional Corporate International Master's (CIM); Professor no programa International Master's Program in Practicing Management (IMPM). E-mail: helio.irigaray@fgv.br

Sandiso Bazana
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5177-2567
Professor de Psicologia Organizacional no Departamento de Psicologia da Rhodes University; Doutorando em Administração de Empresas na Grenoble Ecole de Management. E-mail: s.bazana@ru.ac.za

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Michelle Mielly: Administração de projetos (Liderança); Supervisão (Liderança); Validação (Liderança); Escrita- rascunho original (Liderança); Escrita- revisão e edição (Igual).

Gazi Islam: Conceptualization (Liderança); Project administration (Liderança); Supervisão (Liderança); Validação (Liderança); Writing- original draft (Liderança); Writing- review & editing (Igual).

Ana Maria Peredo: Writing- original draft (Suporte); Writing- review & editing (Suporte).

Penelope Muzanenhamo: Administração de projetos (Suporte); Supervisão (Suporte); Escrita- rascunho original (Suporte); Escrita- revisão e edição (Suporte).

Hélio Arthur Reis Irigaray: Administração de projetos (Suporte); Supervisão (Suporte); Writing- original draft (Suporte); Escrita- revisão e edição (Suporte).

Sandiso Bazana: Administração de projetos (Suporte); Supervisão (Suporte); Escrita- rascunho original (Suporte); Escrita- revisão e edição (Suporte).

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

AGRADECIMENTOS

Como autores e também editores convidados desta edição especial, gostaríamos primeiramente de agradecer aos participantes do Grupo Europeu de Estudos Organizacionais 2022 reunido em Viena, Áustria, participando do "Sub-theme 21: Decolonizing Perspectives and Decolonial Pluriversality in Management Praxis & Research[1]". As sementes para esta edição foram plantadas durante aquela conferência, em conversas vibrantes e densas contando com a presença de acadêmicos de mentalidade decolonial de todo o mundo. Tais discussões despertaram nosso interesse e compromisso em elaborar uma edição especial em um periódico fora das principais publicações do Norte Global, em linha com o desejo de descentralizar e decolonizar nossas próprias práticas acadêmicas, desenvolvendo um trabalho de excelência. Graças a Hélio Arthur Reis Irigaray, encontramos um lar para este trabalho no Cadernos EBAPE.BR, um excelente periódico interdisciplinar no Rio de Janeiro, Brasil, onde ele atua como Editor-Chefe. Em segundo lugar, nosso trabalho não teria sido possível sem os esforços constantes de um grupo de revisores especialistas anônimos oriundos de uma infinidade de geografias e cenários institucionais. Muitos chegaram a fazer até três revisões completas de um determinado trabalho sugerindo melhorias e avaliando criticamente, permanecendo fiéis ao nosso espírito de desenvolvimento e inclusão. O trabalho árduo e entusiasmado da equipe de editores convidados representando Europa, África, América do Norte e América do Sul, combinado a eficiência e persistência da equipe editorial no Brasil (um reconhecimento especial para Jackelyne de Oliveira da Silva e Fabiana Braga Leal por seu profissionalismo e paciência) fizeram desta uma experiência gratificante em muitos níveis. Esperamos que esse seja apenas o começo de muitas outras aventuras juntos.

[1] https://www.egos.org/jart/prj3/egos/main.jart?rel=de&reserve-mode=active&content-id=1646195112672&subtheme_id=1604725630192